

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Natália Dezordi Louzada

**A PRESENÇA DOS RECURSOS NÃO VERBAIS EM
SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS NO PROGRAMA
RODA VIVA**

Passo Fundo

2017

Natália Dezordi Louzada

**A PRESENÇA DOS RECURSOS NÃO VERBAIS EM
SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS NO PROGRAMA
RODA VIVA**

Monografia apresentada ao curso de Letras Português-
Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como
requisito parcial para obtenção do grau licenciado em Letras,
sob a orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo

2018

Natália Dezordi Louzada

A presença dos recursos não verbais em
situações conversacionais no programa Roda Viva

Monografia apresentada ao curso de Letras Português-
Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como
requisito parcial para obtenção do grau licenciado em Letras,
sob a orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Aprovada em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Marlete Sandra Diedrich.

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Agradecimentos

Este trabalho é fruto de muito estudo, dedicação, não foi fácil, mas tê-lo finalizado me traz imensa alegria, satisfação e a certeza de que todo esforço valeu a pena. Agradeço a todos o apoio que recebi nesse período: a minha mãe Claudia, por sempre acreditar em mim, a minha família de modo geral e ao meu companheiro Rafael, por estar sempre ao meu lado. Não poderia deixar de mencionar minha gratidão a minha orientadora, Marlete Sandra Diedrich, a quem admiro muito, pelo seu apoio e compreensão nos momentos em que mais precisei.

Muito obrigada!

Resumo

A língua, seja esta falada ou escrita, é a base cultural mais particular de qualquer sociedade. É através da língua que serão redigidas as leis e regras alicerces de todo o 'funcionamento' social. É também por intermédio da língua que são explicitadas as ideias, os pensamentos, as opiniões que poderão transfigurar todo um conjunto de outras mentalidades. A língua falada aliada aos recursos não verbais carrega consigo a responsabilidade de uma comunicação repleta de informações a serem construídas entre os interactantes, com a presença de improvisos, interrupções, e impulsos, isso é o que torna a comunicação tão complexa e digna de um estudo aprofundado. Para identificar o papel dos recursos não verbais no estabelecimento do sentido em interações conversacionais quando colocadas em ação, o presente artigo monográfico se ocupará da análise do programa Roda Viva, tratando como objeto a presença dos recursos não verbais em situações conversacionais no programa Roda Viva. O enfoque é voltado para a língua em situações conversacionais. Pode-se afirmar que o estudo da linguagem tem papel fundamental para que esse complexo sistema que é a língua possa ser compreendido em seu valor real. Conclui-se então que o não verbal tem a função de expressar a finalidade do pensamento a ser verbalizado, sendo que o corpo entra em sintonia com a fala para que a mesma seja compreendida em sua totalidade.

Palavras-Chave: Análise da conversação. Comunicação oral/escrita. Recursos não verbais

Abstract

The language, spoken or written, is the most particular cultural basis of any society. It is through the language that the laws and rules will be written, foundations of all the social 'functioning'. It is also through the language that the ideas, the thoughts, the opinions that can transfigure a whole set of other mentalities are made explicit. The spoken language allied to non-verbal resources carries with it the responsibility of a communication full of information to be constructed among the interactants, with the presence of improvisations, interruptions, and impulses, that is what makes communication so complex and worthy of study depth. In order to identify the role of nonverbal resources in establishing meaning in conversational interactions when put into action, this monographic article will be concerned with the analysis of the 'Roda Viva' TV program, treating as object the presence of nonverbal resources in conversational situations. The focus is on the language in conversational situations. It can be affirmed that the study of language plays a fundamental role so that this complex system that is the language can be understood in its real value. It is concluded that the non-verbal has the function of expressing the purpose of the thought to be verbalized, being that the body is in tune with the speech so that it is understood in its totality.

Key words: Analysis of the conversation. Oral / written communication. Nonverbal resources.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: INTERAÇÃO CONVERSACIONAL.....	10
3.	RECURSOS INTERACIONAIS.....	14
4.	PROGRAMA RODA VIVA: UMA ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL.....	19
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
6.	REFERÊNCIAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

A linguagem humana pode ser vista como um dos mais complexos meios de comunicação animal do Planeta. E podemos classificá-la em duas formas, a linguagem verbal e a não verbal, sendo que a primeira compreende a fala e a escrita, enquanto a segunda refere-se a movimentos, imagens, artes plásticas ou outros signos convencionais.

Desde o século XIX, a linguagem vem sendo estudada como uma ciência e, com ela, iniciou-se o estudo dos gestos, sendo eles complementares nas relações interacionais. Tendo em vista a natureza comunicativa e interacionista do ser humano, se faz necessária análise de como ambos os processos ocorrem, desde o nosso nascimento.

Estamos em constante interação com o mundo à nossa volta, cabe a nós, profissionais e estudantes da língua, a função de entendê-la, compreender como as diferentes formas de diálogo transmitem a mensagem desejada. Tendo em vista todo esse complexo processo de construção de sentido, escolhi o tema **Recursos não verbais em situações conversacionais no programa Roda Viva** para que outras pessoas também possam entender como o não verbal faz-se constitutivo do verbal na teoria e na análise propriamente dita.

Temos como objetivo identificar o papel dos recursos não verbais no estabelecimento do sentido em interações conversacionais quando colocadas em ação através de diálogos analisados no programa da Band Roda Viva. Com isso, buscamos ampliar conceitos de linguagem não verbal constitutiva do verbal e analisar o valor da reciprocidade na conversação, conseqüentemente entender o processamento e compreensão da conversação observando o uso do não verbal na formação de sentido na interação. Partimos da análise de diferentes situações de conversação, a fim de compreendê-las quanto a suas diferenças.

Para compreender as manifestações de linguagem oral discursiva e não verbal realizaremos a análise do programa Roda Viva no qual o entrevistado é posicionado no centro de um círculo com mesas e os entrevistadores ao seu redor e ao entrevistado são feitos questionamentos, diversas vezes polêmicos.

Como principais autores norteadores deste trabalho de pesquisa, destaca-se Kerbrat-Orecchioni,

que desempenhou um papel importante na implementação da abordagem interacionista na França, (ela fundou e dirigiu, até 1999, o GRIC, "Grupo de Pesquisa em Interações de Conversação", laboratório ligado ao CNRS). Em 1983 e, após vários agrupamentos, ICAR em 2003). Os trabalhos de Kerbrat-Orechioni se caracterizam pela preocupação constante em explicar o funcionamento da língua, que pode ser observada em diversas situações de comunicação e a complexidade dos mecanismos interpretativos. Em seu livro *Análise da Conversação- Princípios e métodos* Kerbrat-Orechioni, 2009, apresenta sua visão na prática que será de suma importância na elaboração das análises aqui apresentadas.

Também são revisitadas pesquisas de Luis Antônio Marcuschi, que foi membro de várias associações científicas nacionais e internacionais no âmbito da linguagem. Pesquisador IA do CNPq, foi por várias vezes representante de área tanto no CNPq quanto na CAPES. Possui uma vasta publicação entre artigos e livros, sendo muito deles pioneiros na área da Linguística. Esta pesquisa tem como base o seu livro *Análise da Conversação*, em sua 7ª edição publicada em 1986.

O primeiro capítulo expõe o conceito de interação conversacional que partirão dos escritos de Kerbrat-Orechioni (2006) e Marcuschi (1986) após apresentação histórica e conceitual do estudo da *Análise da Conversação* serão abordados os princípios e métodos a serem levados em consideração em análises. O segundo capítulo desse trabalho aborda os Recursos interacionais, os quais utilizamos na conversação face a face, os conceitos procederão dos escritos de Kerbrat-Orechioni. O terceiro capítulo apresenta a visão de Kerbrat-Orechioni (2006) sobre os recursos não verbais ou paraverbais, os quais serão exemplificados através da *Análise* que aqui é realizada.

Após a observação de diversos entrevistados, escolhemos como objeto de análise a conversação resultante do candidato à Presidência no ano de 1994, Orestes Quercia, devido a suas expressões corporais, faciais e seu discurso perante aos questionamentos polêmicos, observando então suas reações.

2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: INTERAÇÃO CONVERSACIONAL

A Análise da Conversação (AC) teve início na década de 60 na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva e preocupou-se, até meados dos anos 70, com a estruturação das conversações e seus mecanismos organizadores. A partir da análise de discursos do dia a dia sendo descritos minuciosamente a fim de que não se perdessem os detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralinguísticos e outros, que marcam a conversação. Esse capítulo tem como base as ideias de Kerbrat-Orecchioni (2006) e Marcuschi (1986).

Por sua convocação empirista, a AC distingue-se da Análise do Discurso e da Pragmática Filosófica (cf. Levinson, 1983, p.286-94) Em parte pela motivação histórica que a alimenta, de proveniência etnometodológica, etnográfica e sociológica. A *Etnometodologia*, fundada por Garfinkel no início dos anos 60, é ligada à Sociologia da Comunicação e à Antropologia Cognitiva e se preocupa com as ações humanas diárias nas mais diversas culturas. (MARCUSCHI, 1986, p. 7-8)

Em interação com outras pessoas, nosso corpo entra em sintonia com a nossa fala fazendo com que a mensagem a ser repassada seja mais bem compreendida, a mudança de fisionomia e a entonação demonstram também se estamos em uma conversa amigável ou não, esses recursos são chamados de não verbais e assumem um papel importante na interação. Tratando-se de conversação por mensagens ou ligação esse processo de compreensão entre o interlocutor e o receptor torna-se, por vezes, falho, pois sem a presença do não verbal, nem sempre repassamos a mensagem da forma desejada.

Podemos analisar a interação de uma mãe com seu filho bebê, aonde ela inicia seu turno, ou seja, sua fala, esperando que o bebê corresponda com gestos ou apenas sorrisos, mesmo sem que ele inicie o seu turno. A partir daí a criança começa a internalizar os gestos e assim, aprender como interagir. A conversação, mesmo quando realizada por poucos indivíduos, faz-se complexa, pois eles carregam consigo a responsabilidade de serem recíprocos, ou seja, compreenderem uns aos outros e dar sequência aos turnos.

Os turnos servem para que a conversação se faça organizada como, por exemplo: L1 faz uma pergunta à L2, que responde de acordo, dando continuidade ao tópico inicial que se trata do assunto em discussão no momento. A regra básica para organização do tópico da conversação é: Dois turnos contínuos que apresentam o mesmo desenvolvimento e sequenciam o mesmo tópico, e dois turnos que não sequenciam o mesmo conteúdo constituem uma mudança de tópico.

Por vezes na conversação ocorrem imprevistos e os envolvidos não conseguem finalizar um tópico, esse processo depende da forma como os dois ou mais indivíduos recebem e transmitem suas informações. Na conversação temos cinco características básicas constitutivas apontadas por *Marcuschi*, em seu livro *Análise da Conversação* (1998).

- (a) Interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) Ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) Presença de uma sequência de ações coordenadas;
- (d) Execução de uma identidade temporal;
- (e) Envolvimento numa “interação centrada”.

Apesar de a conversação ser realizada face a face, as ligações telefônicas ou por mensagem também são consideradas conversação. Iniciado um tópico depositamos nos envolvidos no diálogo a responsabilidade de corresponder às nossas expectativas argumentativas, mas na conversação o interlocutor não tem o controle sobre o que o ouvinte irá transmitir após internalização da mensagem. Analisando esses pontos caracterizam-se o discurso como sendo “*eclético*” por trata-se de um objeto complexo que comporta diferentes níveis, planos ou módulos. Para que a análise seja realizada com êxito faz-se necessário recorrer a um conjunto de ferramentas descritivas de proveniência diversa.

Kerbrat-Orecchioni, em sua obra *Análise da Conversação- Princípios e métodos*, explicita a forma de lidar com a oralidade, introduzindo o conceito de interlocução a autora define os posicionamentos de falante e ouvinte no exercício da fala, indicando uma alocação, um destinatário dissemelhante do falante, uma interlocução, a comunicação face a face, e uma interação, uma fala influenciando a outra.

Para que haja interação, deve se fazer presente os elementos componentes da comunicação: emissor (que indica estar falando com alguém, através de sinais e marcadores linguísticos fáticos); receptor (que regula a escuta por expressões verbais e não verbais); e sincronização interacional (que representa o conjunto de mecanismos que interferem em todos os níveis de funcionamentos da interação: como o sistema de turnos; os aspectos corporais expressos; a concordância na escolha de temas; o modo como se faz a troca; as características do vocabulário, etc.

As conversações são regidas por regras de naturezas diversas, sendo elas condizentes com o contexto; variam conforme as sociedades e culturas; de estruturas flexíveis; distintas das regras gramaticais; são adquiridas progressivamente, de forma inconsciente pelo falante.

Esclarece que “o objetivo da análise conversacional é, primeiramente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros” (2006, p. 14-5). Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 42) conclui que:

A comunicação oral é multicanal e plurissemiótica. [...] Esses diferentes canais (auditivo e visual, sem falar das comunicações tátil e olfativa) e esses diferentes tipos de unidades semióticas (verbais, paraverbais e não verbais) são complementares. Enquanto a função referencial tende a ser assegurada sobretudo pelo material verbal, bem como a função metacomunicativa (sob sua forma explícita, pelo menos), as funções expressiva e fática repousam principalmente sobre os elementos paraverbais e não-verbais.

O sistema de turnos de fala torna a conversação organizada em suas alternâncias nas práticas comunicativas, que são desenvolvidas a partir de alguns esquemas preestabelecidos e obedecendo a certas regras. As regras são estabelecidas em três categorias bastante distintas: 1º) as que permitem a gestão da alternância dos turnos de fala; 2º) as que regem a organização estrutural da interação; 3º) as que intervêm no nível da relação interpessoal. Com o intuito de criar entre os interactantes a intenção de corresponderem às expectativas esperadas, sabendo que as regras são fáceis e flexíveis, podendo ser transgredidas.

A conversação também se submete a alguns princípios de coerência interna, obedecendo a regras de construção sintática, semântica e pragmática. Com base nessas ideias a primeira análise deve levar

em consideração a alternância de turnos e compreensão da interação, já a segunda deve partir dos princípios gramaticais que tem papel fundamental para garantir que os interactantes obtenham êxito em sua conversação. Assim, a conversação é um tipo de texto produzido em conjunto, aonde uma informação deve estar de acordo com a outra para que haja o entrelaçamento, a falta de sintonia entre as partes acaba por tornar a conversação “descosturada”.

Uma interação normalmente deve conter pelo menos três seções distintas estruturalmente, ou seja, uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento. “A seção de abertura apresenta normalmente o contato inicial, com os cumprimentos ou algo semelhante, vindo então à seção com o desenvolvimento do tópico ou dos tópicos, e finalmente, as despedidas ou saídas do tema geral, perfazendo a seção de fechamento.” (MARCUSHI, 1986, p.53).

As aberturas podem ocorrer de forma programada, como quando marcamos um encontro e chegando lá iniciamos o contato que já havia sido pensado a caminho do encontro, também pode haver os encontros inesperados aonde esbarramos com pessoas que não vemos há tempos, nesses casos normalmente são feitos usos de recursos físicos como abraços, sorrisos, ou até mesmo troca de olhares prolongados inicialmente, depende do grau de afeição dos envolvidos. Esses detalhes é que irão determinar o desenvolvimento do (s) tópico (s), da mesma forma ocorre com o fechamento.

A conversação é organizada por estratégias de formação e coordenação. O problema, no entanto, é que essa coordenação é de natureza conjunta, ou seja, cooperativamente e não por decisão unilateral. Para que seja dada sequência aos turnos o interlocutor e o receptor devem estar em sintonia, afim de que não haja quebra de sentido ou expectativa entre os interactantes.

A primeira questão a decidir é que argumentos podem formar o tópico inicial na conversação, devendo ser pensado no que diz não ser conveniente falar que se supõe que o ouvinte já saiba. Algumas coisas são consideradas “conversáveis”, outras não. Entre as coisas conversáveis, o interlocutor deve perceber o que pode ser falado para mais de uma pessoa e o que deve ser mantido em maior sigilo, o que se deve dizer na hora do encontro e o que pode ser adiado, por interferência de local ou envolvidos na conversação. Para absorver melhor esse conceito, observamos então a presença dos marcadores conversacionais que vêm no intuito de tornar a conversação organizada mesmo sem uma reflexão antecipada.

3. RECURSOS INTERACIONAIS

As conversações ocorrem presencialmente ou à distância através de diferentes meios de comunicação. A ausência do não verbal, como interacional, dificulta a produção de sentido e compreensão dos indivíduos envolvidos, tornando o diálogo ainda mais complexo. Segundo Castilho (2005), um indivíduo está sempre refletindo sobre sua língua, à medida que conversa, mesmo sem notar, para garantir a eficácia de sua fala. O que se propõe aqui é investigar na prática e na teoria esses processos, que estão diretamente presentes em nossas práticas cotidianas.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p.16) destaca que “O exercício da fala implica normalmente uma alocação, ou seja, a presença de um destinatário fisicamente distinto do falante” e a interlocução como sendo troca de palavras. Afirma que o exercício da fala implica uma interação em que os diferentes participantes exercem um sobre os outros uma rede de influências mútuas (2006, p.8) “falar é trocar, e mudar na troca. ” Os interlocutores sabem que a manifestação direta ou opiniões podem torná-los vulneráveis a críticas e opiniões contrárias.

Os falantes assumem atitudes diversas para a preservação da face. Por vezes, eles procuram tomar uma atitude de defesa e resguardo, procurando evidenciar que as opiniões não são suas ou, então, que eles não assumem os conceitos emitidos. Em outros casos, verifica-se uma atitude oposta: os falantes evidenciam que incorporam – ainda que com ressalvas – os conceitos e opiniões. Essa duplicidade de atitudes (distanciamento x envolvimento) é característica do texto conversacional e só pode ser explicada porque nessa modalidade de texto não há previsibilidade quanto às ações e reações do outro interlocutor. (PRETI; URBANO, 1999, p.193)

Para que o diálogo seja realizado os interlocutores fazem uso dos gestos ou movimentos com a cabeça para sinalizar que receberam a mensagem. O emissor indica através do não verbal com quem está falando, com olhares e gestos. Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de fáticos os diversos procedimentos que fazem com que o destinatário dê atenção à mensagem. Chamamos de sincronismo interacional o conjunto desses mecanismos de gestos, que intervêm em todos os níveis do funcionamento da interação.

Contudo a conversação quando realizada por redes sociais torna-se limitada em relação a mensagem que está sendo repassada e a influência que ela terá sobre o ouvinte, o não verbal é manifestado através do uso de “emoticons” a compreensão da mensagem dada pelo emissor pode ser interpretada de formas diferentes, pelo fato de ser uma comunicação a distância.

Em interação com outras pessoas fazemos uso involuntário de *marcadores conversacionais*, que tem a fundamental função de organizar a fala, esses marcadores indicam importantes características da mensagem que queremos repassar ao (s) ouvinte (s).

Kerbrat-Orecchioni partilha a ideia de que a Análise da Conversação deve partir de seis pontos norteadores que devem ser levados em consideração pelos Linguístas quando analisam a interação face a face, sendo eles, o **contexto** em que a interação se encontra, ou seja, local, finalidade relacional, número de participantes e grau de afinidade entre os interactantes.

Além do contexto, temos o **material**, que são as construções coletivas das conversações feitas de palavras, silêncios, entonações, gestos, mímicas e posturas. Ele se subdivide em material verbal, derivado da língua (unidades morfológicas, lexicais e morfossintáticas); material paraverbal, transmitido pelo canal auditivo (prosódico e vocal: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz); material não-verbal, transmitido pelo canal visual (os signos estáticos: rugas, bronzeamento da pele, roupas, acessórios, aparência étnica e sociocultural, idade, sexo etc; os cinéticos lentos: distâncias, atitudes e posturas; e os cinéticos rápidos: jogos dos olhares, mímicas e gestos).

Em suma, quanto ao **material**, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 42) conclui que:

A comunicação oral é multicanal e plurissemiótica. [...] Esses diferentes canais (auditivo e visual, sem falar das comunicações tátil e olfativa) e esses diferentes tipos de unidades semióticas (verbais, paraverbais e não-verbais) são complementares. Enquanto a função referencial tende a ser assegurada sobretudo pelo material verbal, bem como a função metacomunicativa (sob sua forma explícita, pelo menos), as funções expressiva e fática repousam principalmente sobre os elementos paraverbais e não-verbais.

Há também o **sistema de turnos de fala**, os quais conhecemos anteriormente e são responsáveis pela organização da interação, os envolvidos são responsáveis pela alternância dos turnos através de sinais verbais, hesitação, ou não verbais, gestos.

A mesma autora também destaca a **Organização estrutural das conversas** que aborda a questão gramática das conversações. A conversação também se encontra submetida a alguns princípios de coerência interna, obedecendo a regras de encadeamento, sintático, semântico e pragmático.

Portanto, em um nível mais superficial, a análise é realizada tendo foco na alternância de turnos, em um segundo nível, mais profundo, verifica-se como se estabelece a gramática das conversações. Consideram-se a correspondência entre os falantes, através do comportamento não verbal, e os enunciados, que devem ser mutuamente determinados.

A gramática da conversação pode ocorrer em dois níveis 1º) *Global*, em que se constitui o cenário (*script*), conforme o tipo de interação, 2º) *Local*, em que se analisa como se obtém o encadeamento (explícito e implícito) da interação, parte por parte.

O encadeamento explícito e implícito é quando falante 1 faz uma colocação de algo que lhe interessa e em seguida o falante 2 reage de tal forma que ocorre a quebra de expectativa, como no exemplo a seguir:

F1: -Parece que esse filme é interessante! Então o falante 2 interrompe afirmando.

F2:- Eu já o vi.

Em seguida a autora passa a analisar o *modelo hierárquico* da interação, que parte de preceitos estruturais que se desenvolve a partir das unidades menores (fonemas) até as maiores (textos) passando por unidades intermediárias (morfema, palavra, sintagma, frase).

A conversação possui cinco unidades organizadoras, ou seja, os **atos de fala** combinam-se para constituir **intervenções**, sendo que os atos e as intervenções são produzidos por um único e mesmo falante; desde que, dois falantes, pelo menos, intervenham-se, trata-se de uma **troca**; as trocas combinam-se para constituir as **seqüências**, que, por sua vez, se combinam para constituir as **interações**, unidades máximas de análise.

A **interação** é uma unidade comunicativa que apresenta continuidade interna, aonde os interactantes mantem-se em um tópico ou retornam ao anterior, além de ser uma unidade superior, de difícil delimitação devido a sua arbitrariedade. A interação forma-se em sequências. A **sequência** é dada quando um mesmo tópico é mantido nos turnos, os quais dependem de um forte grau de coerência semântica ou pragmática. A **troca** depende de pelo menos dois participantes. A **intervenção** é a contribuição de um falante particular a uma troca particular. O **ato da fala** trata-se da complexa interação verbal.

O estudo da língua só obtém êxito quando realizada a partir do uso, adota-se aqui a posição de que a *hesitação* é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante de acordo com Marcuschi (1986). A *hesitação* é uma característica da fala em conversação, pois ela caracteriza o modo como estamos falando, são os procedimentos que adotamos para resolver os problemas que surgem devido ao processamento rápido. Observamos na prática, que o candidato entrevistado Orestes Quércias não faz uso da *hesitação* no meio de seu turno, por tratar-se de uma pausa na fala, seja ela longa ou curta, a fim de não demonstrar dúvidas, a *hesitação* é utilizada, nesse caso, somente na troca de turno, quando é passado o turno do candidato para os jornalistas ou vice-versa.

A alternância de turnos que ocorre na conversação é marcada por uma pausa, ou seja, *hesitação* aonde os falantes percebem que é sua vez de interagir, para melhor compreensão interpretaremos as hesitações na conversação através da pontuação reticência. Observe o exemplo:

F1: Tenho certeza que você comeu o bolo, pois quando lhe chamei não me ouviu!...

F2: Mas.... Eu estava longe!

É feito o uso da hesitação quando os interactantes estão pensando na resposta que será dada sobre a informação recebia, por vezes, pode ser que haja dúvidas de como expressar-se, portanto, é feito o uso da pausa. Então se percebe que a semântica do uso da hesitação pode ser compreendida somente quando analisamos o contexto em que a conversação se encontra.

Para que haja a mudança de turno efetiva observa-se a presença de sinais verbais, questionamentos, pausa, mudança de tonalidade de voz, ou até mesmo a fala de uma palavra é estendida para que os outros falantes envolvidos a completem, esse método de troca de turno é muito utilizado pelos professores nas escolas principalmente em período de alfabetização. Exemplo:

Professor: Repitam comigo! Abacaaa...

Alunos: Xiii...

Também são utilizados recursos não verbais para a troca de turno, como, movimentação do rosto, elevação das sobrancelhas, movimentar a boca, sinalizar com a mão, entrelaçar os braços indicando interessar-se no assunto falado.

Polidez: A *polidez* trata da tentativa de os interactantes procurarem preservar sua face e demonstrar caráter, essas demonstrações podem ocorrer tanto verbalmente quanto através do uso da linguagem corporal. Nesse parâmetro existem dois segmentos a polidez negativa, aonde um falante insulta, critica ou recusa e para conter a situação um dos interactantes devem utilizar os **suavizadores** que verbalmente é a diminuição do tom de voz, e em aspecto não-verbal é sorriso, inclinação da cabeça, reações que possam repassar calma ao ouvinte.

Mesmo nas interações verbais, comportamentos pertinentes se compõem de verbalização clara e também de gestos, entonação de voz, risos e silêncios, mímicas e posturas, olhares... chamada de comunicação oral difere-se da escrita, mas também é multicanal. Apesar de os elementos paraverbais serem características de uma interação face a face, também estão presentes nas ligações telefônicas ou mensagens por meio de símbolos.

Os recursos não linguísticos dividem-se em dois grupos, os estáticos, que são possíveis perceber através da aparência física dos interactantes, cinéticos lentos, que são quando os envolvidos na conversação estão a certa distância um do outro, ou seja, os gestos, mímicas, olhares, e cinéticos rápidos, aonde se enquadram os olhares, as mímicas e os gestos, observemos na prática esses aspectos no capítulo a seguir aonde apresenta-se uma análise pluridimensional considerando o não verbal em seu valor semântico na conversação.

5. PROGRAMA RODA VIVA: UMA ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL

Como observado anteriormente, sabemos que a conversação sofre a influência do meio sociointeracional, no programa Roda Viva os entrevistados são colocados em posição central fazendo com que todos os detalhes linguísticos possam ser observados pelos entrevistadores e pela população em geral, já os jornalistas têm somente a metade do corpo exposto, o que propicia então nossa análise.

Iniciamos então pela percepção do **contexto** aonde ocorre o diálogo, no programa Roda Viva os entrevistadores têm consigo a função de questionar o histórico dos entrevistados, especulações arbitrarias, a fim de que sejam esclarecidas possíveis histórias ou notícias em que o entrevistado esteja envolvido, para tanto os repórteres se abdicam da função fática, fazendo com que o indivíduo entrevistado, sintam-se de certa forma “encurralado”.

Por trata-se de um possível Presidente da República, os jornalistas tinham como sua maior prioridade o esclarecimento de polêmicas envolvendo o candidato e suas propostas de governo. Além disso, o **material** possibilita que os interactantes cheguem a um consenso sobre o que altera a postura do candidato, o que é verdade ou mentira.

Para melhor compreensão da análise, nomearemos os jornalistas com a sigla J, trocando apenas o numeral (1, 2) a fim de que a troca de interlocutor possa ser observada. As elevações de voz serão marcadas por letra maiúscula, as pausas e hesitação por reticências.

Posterior a uma breve introdução do âncora do Programa, quando ele conta a história pessoal e política do então candidato Orestes Quécia os jornalistas de diversas colunas de revistas e jornais convidados é dado início ao primeiro tópico de abertura do diálogo entre eles que é:

J1: Dr. Orestes Quécia, como é que o senhor pretende vencer as eleições à presidência da República do Brasil?

O candidato logo de início começa a corrigir uma fala do âncora, a qual afetaria sua face, então dá sequência ao tópico, apresentando seu ponto de vista. Orestes Quércia faz uso dos gestos enrugando a sua testa para que seus apontamentos repassem credibilidade. Então o primeiro jornalista faz suas perguntas, o candidato responde mantendo sua postura, o segundo jornalista então faz suas indagações, inicia seu turno de fala, mas por diversas vezes, tem seu turno tomado por Quércia, o que nos possibilita a percepção de que o candidato procura a defesa de sua face.

O J2 faz um questionamento polêmico sobre processos que o candidato estaria envolvido, logo que ele finaliza, Quércia dá uma “risadinha” e inicia seu turno de fala dizendo que a acusação era muito antiga e que não vinha ao caso a imprensa “desenterrar”, então levanta seus argumentos na intenção de recuar.

Posteriormente o J3 faz questionamentos a respeito do plano Real que na época, reduziria a inflação, Quércia responde que torce para que se reduza a inflação, o J3 não satisfeito pede maiores explicações, o candidato tenta se justificar utilizando de seus gestos e olhares para fomentar suas ideias.

O âncora então o questiona sobre o que Quércia faria para redução dos impostos, Quércia faz acusações ao atual governo e diz que em seu possível mandato, corrigiria os erros anteriores, ou seja, por meio de indagações acusadoras tenta manter a sua face preservada. Acusa também a imprensa de um dos jornalistas por ter um posicionamento contra Quércia.

Dito isso, o J4 começa a defender-se, nessa defesa faz também algumas acusações, Quércia então faz a interrupção do turno afirmando diversas vezes: - É mentira, a cada argumento utilizado pelo J4 o candidato rebatia com a exclamação: - É MENTIRA! Através de seus gestos é possível perceber a dimensão de sua irritação, suas sobrancelhas permanecem o tempo todo franzidas, e aponta o dedo indicador para o jornalista.

O J4 tenta argumentar, então começam os gritos:

Quércia: - CALUNIADOR E MENTIROSO!

J4: O senhor tem que explicar pro povo.

Quércia: MENTIRA! CALUNIADOR! SAFADO!

J4: Você é um canalha!

Quércia: CALUNIADOR! SAFADO!

J4: Você não consegue justificar seu dinheiro! Você que é safado!

Quércia: CALUNIADOR! SAFADO! VOCÊ SEGUE O JOGO DA SUA IMPRENSA!

Ambos se levantam de suas cadeiras no intuito de intimidar o então dado como “adversário” na comunicação, os interactantes já não conseguem compreender seus argumentos e defendê-los, assumem a irracionalidade proporcionada pelo desequilíbrio da fala, tentam falar mais alto que o outro para que suas colocações não sejam ouvidas. O âncora então intervém na tentativa de amenizar o diálogo e solicita intervalo do programa.

Após o intervalo, o J5 inicia seus questionamentos, o candidato já está mais calmo, o J5 pergunta sobre os outros candidatos que estão à sua frente nas pesquisas, Quércia fala sobre suas propostas de governo e projetos de crescimento para o País. O J5 retoma seu turno com novos questionamentos e utilizando de uma proposta de outro candidato para comparação, Quércia falha ao justificar suas ideias, que para os entrevistadores são vazias em planejamento. Diversas vezes o entrevistado franze a sobrancelha e faz movimentos com as mãos na intenção de passar seriedade aos seus discursos, o que aparentemente não convence.

Subsequente a isso, o J3, representando o Jornal Zero Hora, assume o turno de fala indagando Quércia sobre suas acusações a imprensas de modo generalizado, o candidato responde dizendo que o que o J4 havia feito eram acusações pessoais. O J2, da Folha de São Paulo, interfere no turno do candidato afirmando que perguntar não ofende.

Quércia procura defender seu governo e seu partido PMDB, faz claros recuos nas polêmicas exibidas pelos entrevistadores mudando os tópicos da conversação. Jornalista representante da Folha de São Paulo fala do desequilíbrio emocional que o candidato demonstra ao responder acusações que foram publicadas não só na emissora do J4 representante do jornal do Estado de São Paulo, mas sim, em diversas emissoras.

O âncora faz a ressalva de que o candidato deve esperar que o jornalista faça sua pergunta e depois

a resposta para que o debate se faça bem-sucedido. As interrupções e tomadas de turno que ocorrem em momentos inapropriados, fazem com que os participantes tenham dificuldade em compreender aquilo que Quércia tenta defender. Bem como foi apresentado nas teorias de Kerbrat-Orecchioni (2006) e Marcuschi (1998), que priorizam a excelência na conversação.

Para dar sequência, o J4 inicia seu turno de fala dizendo que o candidato fez acusações equivocadas a ele, e novamente é interrompido por Quércia que tenta defender-se a todo custo, então fica difícil de entender o que os interlocutores dialogam pois falam ao mesmo tempo. Calmo, o J4 faz seu questionamento, trazendo as acusações que estão nos jornais contra Quércia, que não recebe bem as informações e tenta logo rebatê-las, sem respeitar seu turno.

Ao assistirmos a entrevista, podemos observar a presença sons de suspiros prolongados que denotam sentido de inquietação e até mesmo insatisfação por parte dos jornalistas, os suspiros vem relacionados a perguntas mal respondidas por parte do interlocutor. O J6, representante do jornal O Globo, inicia seu turno sem interrupções, obtendo êxito na interação.

A partir de então a entrevista vai sendo finalizada com últimos debates, Quércia assume postura irônica, o jornalista do Estado de São Paulo retoma seu turno e expressa a ideia de que o candidato fala muito, mas não explica, Quércia então o chama de “pau mandado”, o entrevistador afirma que sim, recebe ordens e respeita sua empresa, quando o âncora percebe que novamente irá se perder o objetivo do debate, passa a palavra para outro jornalista que finaliza o quadro de entrevistas.

Por fim, podemos afirmar que é importante, numa interação, respeitar os turnos de fala e que a conversação não é algo premeditado, mas que depende de como os interactantes reagem às colocações, aos tópicos, os quais vão se modificando conforme a conversação vai acontecendo e deve ter seu início, desenvolvimento e conclusão. Também percebemos na análise aqui apresentada que os gestos, entonação de voz têm papel fundamental na execução do diálogo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem em sua complexidade carrega valor semântico e pragmático quando colocada em ação na interação falada ou escrita, sendo nossa forma de expressão de pensamento e comunicação com o mundo a nossa volta. Para tanto se faz necessária a apropriação dos recursos interacionais e a compreensão que a função dos mesmos tem no diálogo.

Entender tal funcionamento possibilitou que saibamos como nos comunicar tendo em vista a reação que queremos causar no interlocutor e saber o que ele quer dizer quando fazer o retorno da mensagem, podendo ser falada ou escrita, porém aprendemos aqui que a conversação por meios tecnológicos nem sempre traz êxito.

Sempre que iniciamos uma conversação expomos a nossa face a julgamentos, nos abdicamos dos gestos, e recursos verbais para repassar nossas ideias e argumentos. A linguagem faz parte de nossa identidade, e deve ser estudada de forma aprofundada para que possa então ser compreendida como um todo.

Através da análise aqui apresentada, podemos ver que determinados recursos linguísticos são usados de forma voluntária e involuntariamente de acordo com nossos pensamentos a serem verbalizados. Para entender o conceito de que nosso corpo entra em sintonia com a nossa fala distinguimos nas colocações de Orestes Quércia que a todo o momento usou o não verbal em concordância com o verbal fazendo com que seu corpo explicitasse suas colocações, em quanto estava calmo e quando estava exaltado.

Presenciamos também o valor da reciprocidade na conversação aonde os falantes iniciam um processo de entrelaçamento de ideias que devem respeitados pelas partes, pudemos perceber que nem sempre os interactantes conseguem atingir esse entrelaçamento, isso pode ser justificado pela afirmação de que algumas falas ocorrem sem reflexão prévia ou até mesmo pelo fato de os sujeitos envolvidos não concordarem com o tema em questão.

O principal objetivo deste trabalho de pesquisa monográfico foi enfatizar que a fala é instrumento complexo e que a relação entre os falantes compete inúmeros processos para que haja a compreensão da

mensagem, neste contexto a presença do não verbal faz-se indispensável.

“A linguagem é um instrumento que serve para a intercomunicação, “a linguagem é um sistema de signos”, “a linguagem é uma função social”, “a linguagem é uma instituição social”, “a linguagem é faculdade simbólica”, “a linguagem é uma atividade do espírito”, “a linguagem é criação perpétua.”

(COSERIU)

7. REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Estudos de Língua Falada: uma entrevista com Ataliba Teixeira de Castilho. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 3, n. 4, março de 2005. ISSN1678-8931 [www.revel.inf.br].

JUBRAN, Clélia Espinardi. - *A construção do texto falado. Vol.1*, São Paulo: Contexto, 2015.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. - *Análise da Conversação, Princípios e Métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. - *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PRETI, Dino. *O Discurso Oral Culto, 2ª edição*. São Paulo: Humanitas Publicações agosto, 1999.

RODA VIVA ORESTES QUÉRCIA, 1994. Disponível em:
><https://www.youtube.com/watch?v=20YpdGeorw4>< Acesso em: Ago.2018.